

RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROJETO MINHA PROFISSÃO, MEU SUSTENTO!

Data de submissão: 10/12/2024

Data de aceite: 02/01/2025

Shirlei dos Santos Catão

Professora da Rede Municipal de Ensino de Boa Vista/RR; Mestranda do Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Roraima(UERR).
ORCID iD: 0009-0000-3947-5562.

Sebastião Monteiro de Oliveira

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (2021). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Roraima. É Líder do Grupo de Pesquisa Paulo Freire e Educação de Adultos na Amazônia Setentrional. É editor Adjunto da Revista Educação, Pesquisa e Inclusão do PPGE da UFRR. Também é membro do Núcleo de Pesquisas Eleitorais da Amazônia(NUPEPA), professor do Programa de Pós Graduação no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI), na Universidade Federal de Roraima e colaborador do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) na UFRR <https://orcid.org/0000-0002-1351-1278>.

INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos (EJA) desempenha um papel essencial na promoção da inclusão e do

desenvolvimento social, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado. Com a diversidade de desafios enfrentados por essa modalidade de ensino, a escola tem a missão de oferecer estratégias pedagógicas que vão além do ensino convencional, valorizando as experiências de vida e os sonhos de cada aluno. Nesse contexto, o projeto “Minha Profissão, Meu Sustento!” foi idealizado para integrar o aprendizado formal com as necessidades reais dos alunos, destacando a importância de suas profissões como fonte de sustento e dignidade.

O projeto foi concebido com base na compreensão de que muitos alunos da EJA enfrentam dificuldades emocionais, sociais e financeiras que impactam diretamente sua autoestima e motivação para estudar. A falta de oportunidades de trabalho formal e as limitações geradas pelo analfabetismo muitas vezes resultam em sentimentos de inferioridade e abandono escolar. Assim, a iniciativa busca criar um ambiente acolhedor e motivador, promovendo ações que incentivem a valorização da

vida profissional, o empreendedorismo e a elevação da autoestima, essenciais para o fortalecimento da autoconfiança.

Ao conectar práticas pedagógicas com a realidade dos alunos, o projeto não apenas reforça o aprendizado, mas também promove uma visão de futuro mais promissora. Com atividades diversificadas, como oficinas profissionalizantes, aulas de empreendedorismo e parcerias com instituições locais, o objetivo é oferecer aos alunos ferramentas práticas para superar desafios cotidianos. Além disso, a criação de uma feira empreendedora foi um ponto alto do projeto, permitindo que os alunos compartilhassem suas habilidades com a comunidade, fortalecendo vínculos e ampliando horizontes.

Por fim, o “Minha Profissão, Meu Sustento!” evidencia que a educação, quando alinhada às necessidades reais dos alunos, pode ser transformadora. Ao trabalhar valores como respeito, empatia e responsabilidade, o projeto reforça a importância da escola como espaço de desenvolvimento integral, capacitando cidadãos para uma participação ativa e significativa na sociedade. É nesse cenário de transformação que a EJA reafirma seu papel como promotora de igualdade, inclusão e esperança para um futuro melhor.

A Educação Empreendedora na EJA: Uma Ferramenta para o Crescimento Profissional e Pessoal

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se destacado como um campo fértil para a implementação de práticas que promovam o desenvolvimento integral dos alunos, especialmente no contexto da educação empreendedora. Paulo Freire, em sua obra seminal, destaca que a educação deve ser uma prática de liberdade, proporcionando aos educandos não apenas a capacidade de leitura do mundo, mas também a ação transformadora sobre ele (FREIRE, 1996). Essa visão dialoga diretamente com a proposta de uma educação empreendedora, que visa preparar os alunos para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e da sociedade globalizada.

Maria Clara Di Pierro reforça essa perspectiva ao argumentar que a EJA é um espaço crucial para a inclusão social e econômica, sobretudo para aqueles que não tiveram acesso à educação regular em idade apropriada. Segundo a autora, é fundamental que a EJA integre elementos que promovam a autonomia e a cidadania dos alunos, alinhando-se às demandas contemporâneas por inovação e empreendedorismo (DI PIERRO, 2007). Assim, a educação empreendedora não se limita ao aspecto econômico, mas abrange também a formação de sujeitos capazes de transformar suas realidades sociais.

Fabiana Marini Braga e Jarina Rodrigues Fernandes enfatizam a importância de práticas pedagógicas que conectem os conhecimentos prévios dos alunos da EJA às competências empreendedoras. Para as autoras, a valorização das experiências de vida dos educandos é essencial para a construção de estratégias educativas significativas, que considerem as especificidades de cada indivíduo e promovam a inclusão social (BRAGA;

FERNANDES, 2019). Essa abordagem converge com a pedagogia freiriana, que enxerga o aluno como protagonista do processo educativo.

Ao comparar os posicionamentos de Freire, Di Pierro e Braga & Fernandes, percebe-se um alinhamento em torno da centralidade do educando no processo de aprendizagem. Enquanto Freire foca na emancipação crítica, Di Pierro e Braga & Fernandes destacam a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a integração social e econômica dos alunos, sendo o empreendedorismo uma ferramenta estratégica para atingir esses objetivos. Essa complementaridade de ideias enriquece o campo da EJA, oferecendo caminhos variados para sua implementação.

A implementação de práticas de educação empreendedora na EJA demanda uma abordagem que valorize a interação dialógica entre educadores e educandos, como proposto por Freire. Essa interação permite que os educandos desenvolvam a capacidade de refletir criticamente sobre suas condições de vida e, a partir disso, conceberem soluções inovadoras para seus problemas. Além disso, Di Pierro destaca a necessidade de criar espaços que favoreçam a troca de saberes entre alunos, professores e comunidade, fortalecendo o sentido de pertencimento e colaboração.

Para Braga e Fernandes, o empreendedorismo na EJA deve ser articulado a práticas que desenvolvam habilidades práticas e cognitivas, como a criatividade, a resiliência e a resolução de problemas. As autoras apontam que a organização de feiras, oficinas e projetos comunitários pode ser uma estratégia eficaz para conectar os alunos ao mundo do trabalho e reforçar sua autoestima (BRAGA; FERNANDES, 2019). Tais ações não apenas preparam os alunos para o mercado, mas também promovem seu crescimento pessoal e social.

O paralelo entre os autores evidencia que a educação empreendedora não é um fim em si mesma, mas um meio para promover a inclusão e a transformação social. Enquanto Freire fornece o arcabouço teórico para a construção de uma educação emancipadora, Di Pierro e Braga & Fernandes trazem contribuições práticas que ilustram como os princípios freirianos podem ser aplicados no contexto da EJA. Essa integração entre teoria e prática fortalece a eficácia das ações educacionais voltadas ao empreendedorismo.

Portanto, a educação empreendedora na EJA emerge como uma ferramenta poderosa para o crescimento profissional e pessoal dos educandos. Ela possibilita a superação de barreiras sociais e econômicas, preparando os alunos para atuar como agentes transformadores de suas realidades. Inspirados por Freire, Di Pierro e Braga & Fernandes, os educadores têm à disposição um conjunto robusto de princípios e práticas que podem ser adaptados às especificidades de cada contexto, garantindo a relevância e a eficácia do ensino.

Relato de Experiência: Reflexões e Aprendizados na Prática Profissional

A prática profissional no campo da educação exige a constante reflexão sobre metodologias, avaliação e o papel do currículo na formação dos estudantes. Durante minha experiência, percebi que a avaliação, mais do que um instrumento de mensuração, pode ser uma ferramenta dialógica para promover a aprendizagem significativa. Segundo Camargo (1997), “o discurso sobre a avaliação escolar precisa considerar a perspectiva do aluno”, de modo que ele se sinta integrado ao processo e não apenas um receptor de resultados. Essa percepção foi essencial para moldar minha abordagem ao planejar atividades e estratégias avaliativas.

Durante minha prática, adotei a avaliação formativa, entendendo que avaliar é também ensinar. A reflexão de Esteban (2008) foi fundamental para essa mudança, ao defender que “a avaliação deve estar articulada ao currículo e ao cotidiano escolar”. Utilizei práticas como autoavaliação e debates em sala de aula para envolver os alunos, e os resultados foram positivos, pois notei maior engajamento e um desenvolvimento crítico nos estudantes. A experiência reforçou a necessidade de repensar a avaliação como um processo contínuo e participativo.

Uma abordagem que marcou minha prática foi incorporar a pesquisa como ferramenta pedagógica, inspirada nos conceitos de Demo (2003). Segundo ele, “a pesquisa é uma via para ensinar e aprender de forma crítica e criativa”. Propor projetos investigativos aos estudantes os motivou a aprofundar temas curriculares, relacionando-os a problemas do cotidiano. Essa experiência demonstrou que educar pela pesquisa não apenas amplia o repertório dos alunos, mas também os prepara para o pensamento crítico e a resolução de problemas.

Implementar práticas inovadoras trouxe desafios, como resistência inicial dos alunos e colegas, além da necessidade de reorganizar o planejamento curricular. Contudo, a visão de Esteban (2008), ao afirmar que “o currículo deve ser flexível e adaptável às demandas do contexto escolar”, serviu como guia. Percebi que a formação continuada e o diálogo com a comunidade escolar foram indispensáveis para superar essas barreiras, tornando o ambiente mais acolhedor e propício à inovação.

Uma das principais aprendizagens desta experiência foi perceber que a avaliação e o currículo, quando alinhados, podem transformar a maneira como os alunos percebem a escola. Camargo (1997) aponta que “o aluno precisa se reconhecer como parte ativa do processo avaliativo”, e isso se concretizou quando percebi o entusiasmo deles ao se sentirem mais valorizados e compreendidos. O impacto foi evidente na melhoria do desempenho e na maior participação em sala de aula.

Essa experiência prática reforçou a importância de integrar avaliação, currículo e pesquisa para criar um ambiente de aprendizagem significativo e inclusivo. Como defende Demo (2003), “a educação que transforma é aquela que desafia tanto o professor quanto

o aluno”. Este relato reafirma a necessidade de continuarmos refletindo e aprendendo com nossas práticas, buscando sempre o aprimoramento para atender às demandas educacionais contemporâneas.

Desafios e Aprendizados na Prática Docente com Jovens e Adultos

Minha experiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA) revelou-se uma jornada repleta de desafios e descobertas, especialmente no que diz respeito à avaliação e às práticas pedagógicas. Paulo Freire (2021) enfatiza que “a educação é um ato político e exige um comprometimento com a transformação do educando”. Essa premissa norteou minhas ações ao buscar estratégias que respeitassem as realidades diversas dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e significativo.

No contexto da avaliação, percebi que ela não deve ser um instrumento punitivo, mas, como aponta Camargo (1997), um processo que considere “o ponto de vista do aluno como parte essencial da prática avaliativa”. Por meio de atividades como autoavaliações e rodas de conversa, pude observar como os estudantes da EJA, muitas vezes inseguros, ganharam confiança ao perceberem que suas trajetórias e saberes eram valorizados no processo educacional. Isso se conecta à visão de Freire (2021), que defende uma prática avaliativa voltada para o crescimento do educando, em oposição à estigmatização ou exclusão.

Outro ponto importante foi a utilização da pesquisa como metodologia de ensino. Segundo Paiva (2003), “a pesquisa é uma prática pedagógica que amplia o horizonte do estudante, conectando-o à realidade de maneira crítica”. Incorporar a pesquisa nas atividades permitiu que os alunos relacionassem os conteúdos à vida cotidiana, desenvolvendo autonomia e pensamento crítico. Essa abordagem foi particularmente eficiente para tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes, corroborando com a perspectiva de Esteban (2008), que acredita que o currículo deve ser um reflexo das necessidades e contextos específicos dos estudantes.

A integração entre currículo, avaliação e práticas pedagógicas foi essencial para atender às necessidades específicas dos estudantes da EJA. Esteban (2008) afirma que “o currículo deve ser flexível e contextualizado para respeitar as singularidades de cada grupo”. Inspirada por essa perspectiva, adaptei os conteúdos de maneira que dialogassem com as histórias de vida e experiências profissionais dos alunos, fortalecendo o vínculo entre teoria e prática. Essa conexão entre o material didático e o contexto social trouxe uma dimensão significativa para o processo de ensino-aprendizagem, corroborando a ideia de Freire (2021) de que “não há educação neutra”.

Enfrentei, entretanto, desafios significativos, como a resistência inicial dos estudantes a métodos inovadores e as lacunas na formação básica de muitos deles. Esses obstáculos, contudo, foram superados por meio de uma abordagem dialógica e do fortalecimento

da confiança entre professor e aluno. Freire (2021) reforça que “o diálogo é a base para uma educação transformadora”, e foi exatamente essa interação que possibilitou superar barreiras e promover avanços no aprendizado. Essa prática dialógica também ampliou minha visão sobre as necessidades emocionais dos alunos, destacando a importância de criar um espaço de escuta ativa.

Além disso, a inclusão de projetos interdisciplinares, que combinavam conteúdos de diferentes áreas, foi outro aspecto que marcou minha prática pedagógica na EJA. Esteban (2008) destaca que a interdisciplinaridade pode enriquecer o processo educacional, permitindo que os alunos compreendam as conexões entre diferentes saberes. Essas atividades promoveram uma aprendizagem mais integrada e significativa, incentivando os estudantes a desenvolverem competências que iam além do conteúdo acadêmico.

Outra reflexão importante surgiu ao observar a evolução do protagonismo dos alunos ao longo do processo. Inspirada por Freire (2021), que defende uma pedagogia da autonomia, percebi como as práticas de ensino que valorizam o aprendizado ativo e colaborativo incentivaram os estudantes a se tornarem agentes de sua própria formação. A cada nova etapa, foi possível identificar avanços não apenas no desempenho acadêmico, mas também na confiança e na capacidade de expressão dos alunos.

Por fim, essa experiência reforçou a importância de uma educação humanizadora, que valorize as vivências e promova o empoderamento dos estudantes. Como Freire (2021) defende, “a educação que liberta é aquela que transforma”. Essa vivência foi um marco no meu desenvolvimento como educadora e reafirmou meu compromisso com uma prática pedagógica que seja, acima de tudo, um instrumento de transformação social. Assim como Camargo (1997) argumenta que “a avaliação deve ser um caminho para a emancipação”, minha atuação na EJA reafirmou a crença de que a educação é um processo contínuo de crescimento mútuo entre educador e educando.

METODOLOGIA

O projeto “Minha Profissão, Meu Sustento!” foi desenvolvido com uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, visando compreender e intervir na valorização das profissões dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A metodologia qualitativa permitiu explorar percepções, sentimentos e experiências dos educandos, enquanto a natureza exploratória buscou ampliar o entendimento sobre a relação dos alunos com suas profissões. A fundamentação teórica foi respaldada por legislações educacionais e referenciais pedagógicos, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No primeiro momento, foram realizadas oficinas motivacionais nas quais os alunos tiveram a oportunidade de debater sobre suas profissões, refletir sobre sua importância e compartilhar experiências pessoais. Durante essas oficinas, o diálogo foi central para

a construção coletiva de conhecimento, alinhando-se à perspectiva de Paulo Freire, que enfatiza a educação como prática de liberdade. O objetivo foi estimular a autoestima e promover a percepção do valor social de cada profissão, utilizando métodos que incentivassem a expressão pessoal e a troca de vivências.

Na segunda etapa, os alunos participaram de atividades práticas, como a confecção de cartazes que representavam mensagens e imagens sobre a relevância de suas profissões. Essas atividades foram complementadas por sessões de arte terapêutica, nas quais cada aluno pintou uma representação de sua trajetória profissional. Essas práticas fomentaram a criatividade e a valorização do “eu”, alinhando-se às competências gerais da BNCC, como o desenvolvimento do senso estético e o reconhecimento da diversidade cultural.

A terceira etapa consistiu em um momento de pesquisa e ampliação de conhecimentos. Os alunos utilizaram livros didáticos, apostilas e a internet para aprofundar o estudo sobre suas profissões. Durante essa etapa, foram incentivados a explorar tipos de pinturas, desenhos terapêuticos e atividades relacionadas às suas realidades profissionais. Essa etapa foi essencial para promover o engajamento dos alunos e fortalecer a conexão entre o aprendizado escolar e o contexto prático de suas vidas.

Como parte da metodologia, foi organizada uma visita técnica à Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional (EMHUR). Nessa ocasião, os alunos tiveram acesso a informações sobre o processo de formalização de suas atividades profissionais como trabalhadores autônomos. Muitos participantes conseguiram obter a carteirinha de empreendedor autônomo, um marco significativo que reforçou a importância da formalização para o reconhecimento e valorização profissional.

A culminância do projeto ocorreu com uma Mostra Cultural, na qual os alunos apresentaram suas profissões e divulgaram seus serviços para a comunidade escolar. Essa etapa final possibilitou a interação entre os alunos e a comunidade, promovendo um senso de pertencimento e motivação. Além disso, os participantes sentiram-se valorizados e reconhecidos, fortalecendo sua autoestima e consolidando os aprendizados adquiridos ao longo do projeto.

A natureza exploratória do projeto foi evidenciada pela busca por novas perspectivas e práticas pedagógicas que promovessem a valorização das profissões dos alunos. A abordagem bibliográfica foi fundamentada em documentos como a LDB e a BNCC, que orientaram a criação das atividades e a construção do referencial teórico. A combinação dessas abordagens permitiu alinhar a prática pedagógica às necessidades específicas da EJA, garantindo a relevância e eficácia do projeto.

Portanto, a metodologia empregada foi essencial para o sucesso do projeto. Ao aliar práticas pedagógicas inovadoras, pesquisa teórica e atividades práticas, foi possível alcançar resultados significativos. O projeto não apenas proporcionou o crescimento pessoal e profissional dos alunos, mas também contribuiu para a construção de uma prática

educativa transformadora, promovendo a cidadania e o protagonismo dos educandos.

RESULTADOS

O projeto “Minha Profissão, Meu Sustento!” apresentou resultados altamente positivos, superando as expectativas iniciais e impactando significativamente os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A implementação das atividades contribuiu para o fortalecimento da autoestima, a valorização das profissões e o reconhecimento do papel social de cada participante. Além disso, a metodologia empregada promoveu maior engajamento dos alunos nas práticas escolares, consolidando a educação empreendedora como uma ferramenta transformadora.

Durante as oficinas motivacionais, observou-se uma participação ativa dos alunos, que compartilharam suas histórias e refletiram sobre a importância de suas profissões. Esse momento foi essencial para que os educandos se sentissem ouvidos e valorizados, o que gerou um ambiente de confiança e acolhimento. A troca de experiências entre os participantes fortaleceu as relações interpessoais, promovendo o senso de pertencimento ao grupo e à escola.

As atividades práticas, como a confecção de cartazes e a arte terapêutica, foram bem recebidas pelos alunos, que demonstraram entusiasmo e criatividade. Muitos relataram que essas práticas ajudaram a enxergar suas profissões de forma mais positiva, destacando a relevância de suas contribuições no âmbito social e econômico. A exposição dos trabalhos em murais na escola permitiu que a comunidade escolar reconhecesse o esforço e o talento dos alunos, reforçando sua autoestima e motivação.

A etapa de pesquisa, que envolveu o uso de materiais didáticos e tecnológicos, proporcionou um aprendizado significativo. Os alunos ampliaram seus conhecimentos sobre suas profissões e habilidades relacionadas, mostrando maior interesse pelo tema. Essa etapa também contribuiu para o desenvolvimento de competências tecnológicas e de pesquisa, preparando-os para enfrentar desafios do mundo do trabalho com mais segurança e autonomia.

Um dos momentos mais marcantes do projeto foi a visita técnica à EMHUR, onde muitos alunos obtiveram a carteirinha de empreendedor autônomo. Essa conquista foi celebrada com grande entusiasmo, representando um marco na vida de vários participantes. O processo de formalização não apenas garantiu maior reconhecimento para suas atividades profissionais, mas também abriu novas oportunidades de trabalho e inserção no mercado formal.

A culminância do projeto, com a Mostra Cultural, destacou o impacto transformador das atividades realizadas. Os alunos apresentaram suas profissões e divulgaram seus serviços para a comunidade, recebendo elogios e reconhecimento. Esse momento proporcionou uma experiência de protagonismo e valorização, reforçando o aprendizado e

fortalecendo a motivação para a continuidade dos estudos e o desenvolvimento pessoal.

Além disso, o projeto trouxe reflexos positivos na relação dos alunos com a escola. Muitos demonstraram maior engajamento e interesse pelas aulas, reconhecendo a relevância do aprendizado para suas vidas profissionais e pessoais. A integração entre teoria e prática, aliada ao suporte emocional e motivacional oferecido, foi fundamental para garantir esses resultados.

Por fim, o projeto destacou-se como uma experiência transformadora, promovendo não apenas a valorização das profissões, mas também o crescimento integral dos alunos. Ao integrar educação empreendedora e práticas inclusivas, a iniciativa contribuiu para a formação de cidadãos mais confiantes, autônomos e preparados para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e da vida em sociedade.

Minha experiência docente revelou a importância de transformar a sala de aula em um espaço dialógico, onde a prática educativa não se limita à transmissão de conteúdos, mas à construção conjunta de saberes. Paulo Freire (2021) destaca que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Inspirada por essa perspectiva, promovi atividades em que os alunos fossem protagonistas, incentivando-os a refletir sobre seus contextos e aplicar o aprendizado de forma significativa.

No decorrer das minhas práticas, percebi que a avaliação deve ser um processo contínuo e emancipador, capaz de fomentar a autonomia do estudante. Segundo Freire (2021), “avaliar significa, sobretudo, valorizar o processo de crescimento do educando”. Assim, busquei implementar estratégias avaliativas que não apenas mensurassem resultados, mas que ajudassem os alunos a reconhecer suas potencialidades e desafios. Essa abordagem criou um ambiente mais colaborativo e motivador, em que a avaliação deixou de ser uma fonte de ansiedade para se tornar um momento de aprendizado.

Por fim, a experiência prática reforçou em mim a necessidade de educar com intencionalidade crítica, reconhecendo o papel transformador da educação. Freire (2021) argumenta que “a educação tem sentido porque mulheres e homens aprendem que, mediatizando a realidade, podem transformá-la”. Essa visão se concretizou quando observei o impacto positivo que o diálogo e a reflexão coletiva tiveram no desenvolvimento dos alunos, tanto em termos acadêmicos quanto pessoais. Esse aprendizado continua a inspirar minha prática pedagógica e minha busca por uma educação libertadora.

Relatos de Experiência na Visão de Paulo Freire

A educação, para Paulo Freire, é um ato essencialmente político e libertador. Em sua obra, ele ressalta que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo” (Freire, 2021). Essa perspectiva fundamentou minhas práticas pedagógicas, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos

(EJA). Ao reconhecer que o ato educativo deve estar enraizado no diálogo e na troca de saberes, procurei criar um ambiente de aprendizagem onde os estudantes pudessem contribuir ativamente com suas vivências e conhecimentos prévios, rompendo com a lógica tradicional de transmissão unilateral de conhecimento.

A centralidade do diálogo foi um ponto marcante em minhas práticas, inspirado pela visão de Freire de que “o diálogo é a base para uma educação transformadora” (Freire, 2021). Ao promover rodas de conversa e momentos de reflexão coletiva, percebi como os estudantes, muitas vezes inseguros sobre sua capacidade, passaram a se sentir protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. Essas interações não só fortaleceram a confiança dos alunos, como também criaram um espaço de aprendizagem mútua, em que eu, como educadora, também aprendi com suas experiências de vida.

Outro aspecto importante foi a contextualização dos conteúdos, uma prática defendida por Freire, que argumenta que “não há saber maior ou menor; há saberes diferentes” (Freire, 2021). Essa premissa orientou minha abordagem ao integrar as histórias de vida dos estudantes ao currículo. Por exemplo, ao discutir questões sociais ou históricas, busquei relacioná-las com as realidades locais e os desafios enfrentados pelos próprios alunos. Essa conexão entre teoria e prática trouxe significado ao aprendizado e reforçou a relevância do conhecimento no enfrentamento de questões concretas.

A avaliação, sob a ótica freiriana, também foi ressignificada. Freire critica a avaliação punitiva e defende uma prática avaliativa que seja dialógica e formativa. Ele afirma que “avaliar significa ajudar o educando a crescer, não estigmatizá-lo” (Freire, 2021). Com isso em mente, desenvolvi estratégias avaliativas que valorizassem o progresso individual e coletivo, como autoavaliações e feedbacks em grupo. Essa abordagem não apenas promoveu um ambiente de respeito e inclusão, mas também incentivou os estudantes a refletirem sobre seu próprio processo de aprendizagem.

A prática pedagógica também exigiu lidar com desafios, como a resistência inicial a métodos inovadores e as lacunas na formação básica de muitos estudantes. Freire (2021) ressalta que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Inspirada por essa visão, utilizei estratégias que respeitassem os tempos e limites individuais dos alunos, promovendo uma aprendizagem gradual e significativa. Essa paciência e adaptabilidade foram fundamentais para superar as barreiras iniciais e estimular a participação ativa dos estudantes.

Outro elemento essencial da minha experiência foi a promoção da autonomia dos alunos, um princípio central na pedagogia de Freire. Ele defende que “a pedagogia da autonomia exige respeito à liberdade e à dignidade do educando” (Freire, 2021). Ao incentivar os estudantes a se envolverem em projetos e pesquisas, observei como eles desenvolveram maior senso de responsabilidade e protagonismo. Essa autonomia contribuiu para fortalecer não apenas o aprendizado, mas também a autoestima dos alunos, que passaram a se enxergar como sujeitos ativos em seu processo formativo.

Por fim, a experiência reafirmou em mim a importância de uma educação humanizadora, que valorize o educando em sua totalidade. Freire (2021) afirma que “a educação que não é libertadora oprime”. Essa perspectiva norteou minhas ações ao longo de minha jornada, reforçando meu compromisso com uma prática pedagógica que vá além do ensino de conteúdos e promova a transformação social. Assim, os relatos de experiência revelaram que, ao adotar a visão freiriana, é possível construir uma educação mais inclusiva, dialógica e transformadora, capaz de impactar não apenas os estudantes, mas toda a comunidade em que estão inseridos.

Relatos de experiência dos alunos do EJA.

Os relatos de experiência dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) revelam histórias de superação, aprendizado e transformação pessoal. Por meio de projetos como o “Minha Profissão, Meu Sustento!”, esses educandos encontraram um espaço acolhedor para compartilhar suas vivências, valorizar suas trajetórias profissionais e refletir sobre seu papel na sociedade. Cada relato reflete não apenas os desafios enfrentados ao longo de suas jornadas, mas também as conquistas alcançadas a partir de práticas pedagógicas que promoveram autoestima, motivação e engajamento. Essas experiências destacam o impacto positivo da educação inclusiva e empreendedora na vida dos participantes, fortalecendo seu protagonismo e contribuindo para sua formação integral.

Relato 1

Participar do projeto foi uma experiência incrível para mim. Durante as oficinas motivacionais, consegui me abrir e contar minha história. Nunca pensei que minha profissão como costureira pudesse ser tão valorizada. Os colegas me ouviram com atenção e me fizeram perceber que o meu trabalho é essencial para a comunidade. A visita técnica foi um ponto de virada na minha vida, porque consegui a minha carteirinha de empreendedora autônoma, o que me deu mais confiança para buscar novos clientes.

Relato 2

Sempre tive vergonha de falar que era pedreiro, mas as atividades do projeto me fizeram enxergar minha profissão de outra forma. Fazer os cartazes e expor meu trabalho no mural da escola foi emocionante. Quando vi as pessoas elogiando e reconhecendo o meu esforço, me senti valorizado como nunca antes. Isso me motivou a continuar estudando e a pensar em novas formas de oferecer meus serviços.

Relato 3

Eu nunca tinha usado um computador para pesquisar sobre minha profissão de

doceira. No projeto, aprendi a buscar informações e até a planejar melhor meu negócio. As atividades práticas foram divertidas e me ajudaram a organizar minhas ideias. A Mostra Cultural foi muito especial, porque pude apresentar os doces que faço e receber muitos elogios. Nunca imaginei que a escola poderia me ajudar tanto a crescer como profissional.

Relato 4

O projeto me ajudou a acreditar mais em mim. Como barbeiro, eu achava que não precisava estudar, mas a etapa de pesquisa e as oficinas mostraram que sempre dá para aprender mais. Além disso, a visita à EMHUR foi um momento marcante, porque consegui me formalizar como empreendedor autônomo. Agora, tenho mais segurança para atender meus clientes e até fazer novos planos para o futuro.

Relato 5

A Mostra Cultural foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Falar para a comunidade sobre meu trabalho como manicure e mostrar o que eu faço foi algo que nunca pensei que fosse capaz de realizar. O incentivo da professora e dos colegas foi essencial para eu vencer minha timidez. Hoje, sinto que tenho um propósito maior e que sou capaz de alcançar coisas que antes pareciam impossíveis.

Os relatos de experiências são ferramentas valiosas para compartilhar vivências práticas e aprendizados adquiridos em situações reais. Eles permitem que indivíduos transmitam suas percepções, desafios enfrentados e estratégias aplicadas em contextos específicos, servindo como uma fonte rica de conhecimento para outros que enfrentam situações semelhantes. Além de promover a troca de ideias, os relatos fortalecem o aprendizado coletivo, enriquecendo debates e proporcionando insights para a melhoria contínua em diversas áreas de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Minha Profissão, Meu Sustento!” destacou-se como uma experiência transformadora no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), promovendo a valorização das profissões e fortalecendo a autoestima dos alunos. As atividades desenvolvidas permitiram que os educandos reconhecessem a importância de suas ocupações no âmbito social e econômico, além de estimularem a criatividade, a autonomia e a interação com a comunidade escolar. A culminância do projeto, com a Mostra Cultural, reafirmou o protagonismo dos participantes, gerando um impacto positivo em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Os resultados alcançados evidenciam o papel essencial da educação empreendedora na formação integral dos alunos, alinhando-se aos princípios da Lei de Diretrizes e Bases

(LDB) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A formalização de profissões, realizada em parceria com a EMHUR, foi um marco significativo, proporcionando aos alunos novas oportunidades no mercado de trabalho e contribuindo para a sua inclusão social. Essas ações reforçam a importância de práticas pedagógicas que dialoguem diretamente com as realidades dos educandos, promovendo sua permanência e sucesso no ambiente escolar.

Outro aspecto de destaque foi o fortalecimento das relações interpessoais e a criação de um ambiente colaborativo entre os participantes. Ao compartilharem suas experiências profissionais e aspirações, os alunos desenvolveram uma maior consciência sobre o impacto de suas escolhas no cotidiano da comunidade. Essa troca de saberes também favoreceu a criação de uma rede de apoio mútua, ampliando a confiança dos participantes para enfrentar desafios profissionais e pessoais.

Além disso, a realização do projeto trouxe reflexões sobre a necessidade de políticas públicas voltadas para a EJA, com foco em práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras. A parceria com instituições locais e a valorização das experiências prévias dos alunos reforçaram a importância de uma educação contextualizada, que respeita as vivências e potencialidades de cada indivíduo. O engajamento das famílias e da comunidade escolar também foi um fator determinante para o sucesso da iniciativa, evidenciando a força do trabalho coletivo.

Por fim, o projeto demonstrou que iniciativas como esta são capazes de transformar vidas, ao proporcionar aprendizado significativo e preparar os alunos para os desafios do mercado de trabalho e da cidadania. A experiência reafirma o compromisso da escola com uma educação inclusiva e inovadora, que valoriza o ser humano em sua totalidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. A continuidade de ações como “Minha Profissão, Meu Sustento!” representa não apenas um avanço na formação educacional, mas também um impulso para a emancipação social e profissional dos educandos.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Fabiana Marini; **FERNANDES**, Jarina Rodrigues. Educação de Jovens e Adultos: Reflexões sobre a prática pedagógica e o empreendedorismo. *Revista Educação e Contextos*, v. 15, n. 2, p. 45-60, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufms.br/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

CAMARGO, Alzira Leite Carvahais. O discurso sobre a avaliação escolar do ponto de vista do aluno. *Rev. Foc. Educ.* v.23, n.1-2, p. 283-302, jan./dez., 1997.

DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. 6ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de Jovens e Adultos e a construção de políticas públicas no Brasil contemporâneo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 373-386, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

EMHUR – Empresa Municipal de Habitação e Urbanização. Orientações para Formalização de Profissões Autônomas. Disponível em: <http://emhur.gov.br/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.). Escola, Currículo e Avaliação. 2ª ed. São Paulo/SP: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia e as experiências didáticas. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

PAIVA, Jordan. Educar pela Pesquisa Didática. 8ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

UNESCO. Educação e Desenvolvimento Sustentável: Uma visão integrada. Paris: UNESCO, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/>. Acesso em: 21 nov. 2024.